

EM BUSCA DE DIAGNÓSTICOS PARA O RECONHECIMENTO DOS SUBTIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS NO ENSINO DE GRAMÁTICA

Esther MADRUGA NETTO

Orientador: Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto

Resumo: Na Norma Gramatical Brasileira, as orações subordinadas do período composto contam com três subdivisões: adjetivas, adverbiais e substantivas. Essas orações caracterizam-se por exercerem uma função na oração principal (respectivamente, a função de um adjetivo, advérbio ou a de um substantivo). O ensino das subordinadas faz parte do planejamento curricular e diferenciá-las faz parte do planejamento da BNCC. Neste artigo, relatam-se resultados de um projeto de pesquisa que tem por objetivo dar aos alunos e professores instrumentos diagnósticos para que possam distinguir entre os diversos tipos de orações subordinadas substantivas. No plano metodológico, fez-se uma busca em manuais de análise sintática e gramáticas da língua portuguesa no intuito de colher-se tais instrumentos. Busca-se, com os resultados aqui apresentados, (i) tornar os alunos protagonistas de seus estudos em sintaxe e (ii) munir os professores de instrumentos metodológicos que facilitem o reconhecimento dos subtipos de subordinadas substantivas.

Palavras-chaves: Linguística, Análise Sintática, Orações Subordinadas, Diagnósticos para Diferenciação, Ensino de Gramática.

Introdução

Nos anos finais do ensino fundamental as orações, períodos, sujeitos e demais concernentes à análise sintática, incluem-se na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) a habilidade de “identificar, em textos lidos ou de produção própria, agrupamento de orações em períodos, diferenciando coordenação de subordinação” é encontrada na Base, abrangendo todos os campos de atuação com a língua. Compreender aspectos sintáticos para o trabalho de produção e entendimento dos diversos textos é necessário. No entanto, o trabalho do professor de língua portuguesa é muitas vezes dificultado por uma formação limitada nos institutos e faculdades de Letras. Como argumentado em Tescari Neto & Souza de Paula (2021), o ensino de normas gramaticais está presente na BNCC e em materiais didáticos, apesar disso, no entanto, são poucos os currículos dos cursos de letras que contemplam esse conteúdo para os graduandos em letras. O ensino de sintaxe é contemplado também para os futuros professores e seus alunos.

Para Franchi (1991), o ensino de gramática deve conter um conjunto de atividades, que incluem especificamente atividades linguísticas – quando se usa a língua para a construção de estruturas de comunicação – e epilinguísticas – quando, dentro das interações, são feitas correções, ajustes na prosódia, ou simplesmente a sinalização da mudança do tópico discursivo através de estratégias linguísticas apropriadas. Além das duas atividades supracitadas, linguistas e estudiosos de línguas naturais estão sempre envolvidos em atividades metalinguísticas, pois essas se definem pelo uso da língua(gem) para a reflexão – aí incluído o ensino – e discussão da própria língua(gem). No ambiente escolar, a análise sintática pode ser vista como metalinguística, pois permite aos alunos algumas reflexões quanto à linguagem. (Franchi, 1991). Para que o aproveitamento metalinguístico seja maior, propõe-se a análise sintática crítica.

Tal visão do ensino de sintaxe deve ter como alvo tornar os falantes do português aptos para as reflexões metalinguísticas, empoderar os indivíduos, permitir que os alunos se enxerguem como estudiosos da linguagem e emancipar os cidadãos para um ensino participativo e construído conjuntamente. (Tescari Neto, 2021; Tescari Neto; Garcia Martins, 2020). Por conseguinte, o presente trabalho tem como objetivo primeiro propor ferramentas que auxiliem professores e alunos na diagnose dos subtipos de orações

subordinadas substantivas. Para isso, o trabalho recorre a gramáticas, manuais de sintaxe e artigos sobre o ensino de análise sintática crítica.

Para atingir seus objetivos, o trabalho se organiza da seguinte forma: na próxima seção, uma fundamentação teórica sobre as orações subordinadas substantivas será feita; na seção 3, os diagnósticos para cada subtipo de subordinada substantiva identificados nos materiais consultados serão apresentados e comparados; a quarta seção, retoma pontos essenciais do artigo e direciona questões que merecerão cuidado em investigação posterior. Ao final, a bibliografia é apresentada.

Fundamentação teórica

No Brasil pode-se encontrar um padrão que define a terminologia utilizada para organizar o ensino de gramática no país, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Idealizada no final da década de 50, a NGB tem até hoje sido o padrão terminológico utilizado em materiais didáticos e currículos. O foco do presente texto são as orações subordinadas substantivas, que se caracterizam por serem do período composto. Tais estruturas são ditas “subordinadas” por dependerem sintaticamente da oração principal; são substantivas por exercerem a função sintática de um nome, podendo, na maior parte das vezes substituída por *isso*.

No entanto, ao que parece, até para alguns dos estudiosos da comissão da nomenclatura, o padrão está longe de abranger todas as possibilidades sintáticas da língua portuguesa. Anos depois da publicação do texto, gramáticos como Rocha Lima e Celso Cunha escreveram suas próprias gramáticas e escreveram sobre suas percepções sobre a sintaxe da língua portuguesa, adicionando pontos que ficaram de fora da NGB.

NGB	Bechara (1985)	Cunha; Cintra (1985)	Kury (1985)	Rocha Lima (1986)
subjativa	subjativa	subjativa	Subjetiva	subjativa
objetiva direta	objetiva direta	objetiva direta	objetiva direta	objetiva direta
objetiva indireta	objetiva indireta	objetiva indireta	objetiva indireta	completiva relativa
completiva-nominal	completiva nominal	completiva nominal	completiva nominal	completiva nominal
predicativa	predicativa	predicativa	predicativa	predicativa
apositiva	apositiva	apositiva	apositiva	apositiva
-	-	agente da passiva	agente passiva	-

Quadro sinótico: as orações subordinadas substantivas (Fonte: Tescari Neto; Garcia Martins (2020))

Tendo por base o quadro sinótico acima, tem sido feita uma revisão bibliográfica junto a gramáticas e manuais em busca de instrumentos diagnósticos que diferenciem os variados subtipos de orações subordinadas substantivas para construir um pensamento mais firme sobre a teoria da sintaxe e o ensino de gramática para os alunos, pensando um ensino crítico e metalinguístico sobre a sintaxe que torne os jovens verdadeiros estudiosos da linguagem e não meros reprodutores de regras gramaticais tradicionais.

Resultados

A primeira gramática analisada foi a gramática de Rocha Lima (2006), que define a subordinação como o processo pelo qual uma oração principal traz uma ou mais dependentes, ou seja, uma oração com uma dependente que traz uma função para ela. Posteriormente, o autor classifica as orações quanto à forma de sua apresentação no texto e à função desempenhada no contexto maior. As formas apresentadas pelo autor são: desenvolvidas, reduzidas e justapostas.

As orações desenvolvidas possuem verbo flexionado, e começam por conjunção integrante *que*, pronome relativo/interrogativo (sendo interrogativas indiretas) ou advérbio. Informalmente, pode-se dizer que as desenvolvidas (cf. (1)) podem ser “transformadas” em orações reduzidas, como vemos em (2)).

(1) Quando chega o verão, as cigarras ficam zonzas de alegria. (Rocha Lima, 2006, P. 263)

(2) *Chegado o verão*, as cigarras ficaram zonzas de alegria. (Rocha Lima, 2006, P. 263)

Já as orações reduzidas apresentam verbo no gerúndio (3a), infinitivo (3b) ou particípio

(3c) e podem se tornar orações desenvolvidas, como a apresentada (1).¹

(3) a. *Chegando o verão*, as cigarras ficam zonzas de alegria. (Rocha Lima, 2006, P. 263)

b. *Ao chegar o verão*, as cigarras ficam zonzas de alegria. (Rocha Lima, 2006, P. 263)

c. *Chegado o verão*, as cigarras ficaram zonzas de alegria. (Rocha Lima, 2006, P. 263)

Depois de definir as formas das orações subordinadas, Rocha Lima (2006) passa a descrever suas funções, esclarecendo que as subordinadas substantivas se apresentam na forma desenvolvida, reduzida e justaposta.

Função sintática	Exemplo
Sujeito	Subjetiva: Parecia ‘que’ <i>o morro se tinha distanciado muito.</i>
Objeto direto	ri então ‘que’ <i>o meu tamanho não era fixo.</i>
Objeto indireto	<i>Não possui forma oracional</i>
Complemento relativo	va relativa: Lembro-me de ‘que’ <i>saímos, de madrugada, de um restaurante.</i>
Complemento nominal	Completiva nominal: mas ficava-me a certeza de ‘que’ <i>havia ali vários trabalhos.</i>
Aposto	temor o perseguia: ‘que’ <i>a velhice lhe enfraquece a fibra.</i>
Predicativo	el é ‘que’ <i>esta moléstia destrói a vontade.</i>

Tabela 1: Funções sintáticas e suas manifestações oracionais. Elaboração própria; exemplos de Rocha Lima (2006, 264 e 265).

O autor evidencia que normalmente há um esquema de formação das orações subjetivas, os verbos na oração principal são de conveniência, dúvida, ocorrência ou efeito moral e se apresentam na terceira pessoa seguidos de *que* ou na voz passiva. Também podem se apresentar em locuções verbo-nominais com os verbos de ligação *ser*, *estar* e *ficar* mais um substantivo ou adjetivo, como em (4).

(4) é bom que fiquemos aqui.

¹¹ Há um outro tipo de construção a que os gramáticos chamam de “orações justapostas”; elas não têm relação gramatical com a oração principal. (i), abaixo, exemplifica essa construção

Há também uma formação comum para as objetivas diretas: as orações desenvolvidas conhecidas por serem interrogativas indiretas, pois, começam por pronome ou advérbio interrogativo, normalmente exercem a função de objeto direto da oração principal.

No parágrafo anterior, encontram-se dois diagnósticos para que professores e estudantes diferenciem dois tipos de orações que podem confundir os alunos. É importante ressaltar que tais diagnósticos foram encontrados em uma gramática que poderia facilmente ser encontrada na biblioteca de escolas, logo, tal recurso é acessível e útil para a sala de aula de língua portuguesa.

Rocha Lima aceita a existência de um objeto indireto, e sua fácil identificação é a possibilidade de substituir-lhe por *lhe*. No entanto, não aceita sua forma oracional; a única forma oracional preposicionada aceita pelo gramático é a de complemento relativo.

Função sintática	Exemplos
Objeto indireto	Dar esmola <i>a um mendigo</i> . (Dar- <i>lhe</i> esmola)
Complemento relativo	<i>é' saímos, de madrugada, de um restaurante.</i>

Tabela 2: forma oracional e exemplos de objeto indireto e complemento relativo. Elaboração própria; exemplos de Rocha Lima (2006, 249 e 265).

Posteriormente, procedeu-se a pesquisa bibliográfica junto a Cunha e Cintra (2016). No tocante ao cerne da estrutura sintática, são poucas as diferenças com Rocha Lima. Celso e Cunha defendem a forma oracional dos objetos indiretos e a existência de formas oracionais do complemento verbal agente da passiva.

Funções sintáticas	Formas oracionais com exemplos
Sujeito	<i>é' a presença do dono o sossegava um pouco.</i>
Objeto direto	direta: Respondi-lhe 'que' <i>já tinha lido a receita em qualquer parte.</i>
Objeto indireto	direta: Não me esqueço <u>de</u> 'que' <i>estavas doente</i> quando ele nasceu.
Complemento nominal	de: Ele tem a mania <u>de</u> 'que' <i>alho faz bem à saúde.</i>
Predicado	Predicativa: A verdade é 'que' <i>eu ia falar outra vez de Noêmia.</i>
Aposto	Aposto: É preciso 'que' o pecador reconheça ao menos isto: 'que' <i>a Moral católica está certa e é irrepreensível.</i>
Agente da passiva	Joana disse 'que' <i>o menino foi levantado por Maria.</i>

Tabela 3: Funções e suas formas oracionais com exemplos de Cunha & Cintra (2016, 136, 145, 154, 180)

Os diagnósticos encontrados na gramática dos autores são de natureza semântica e, apesar de poderem ser úteis na distinção dos tipos de orações, não resolvem a questão que se propõe a pensar em um ensino crítico de análise sintática plenamente. É também interesse dessa pesquisadora, trabalhar com a metalinguagem e a análise sintática crítica, logo, diagnósticos semânticos não serão o ponto de partida, uma vez que exploram a intuição do aluno, intuição essa que será confirmada pelos diagnósticos sintáticos

Ao longo da exposição dos pesquisadores sobre formas oracionais, não são consideradas as orações desenvolvidas, reduzidas e justapostas como em Rocha Lima e Evanildo Bechara.

Ademais, com os estudos de Bechara (2009) pode-se compreender mais sobre as orações subordinadas substantivas do tipo subjetivas e predicativas, pois o autor se debruça com mais cuidado sobre tais tipos. Para diagnosticar as orações subjetivas, ele define que o verbo da oração principal estaria na terceira pessoa do singular e a oração subordinada apresentaria tais verbos: na voz reflexiva de sentido passivo, na voz passiva seguido de particípio, verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo ou verbos do tipo: *parece*, *consta*, *ocorre*, *corre*, *urge*, *importa*, *convém*, *dói*, *punge*, *acontece* e etc. Esse último diagnóstico para os tipos de verbo é semelhante ao que aparece em Rocha Lima (2006). O gramático também explica que as formas oracionais de predicativos normalmente completam o sentido do verbo *ser*.

O autor também traz em sua gramática o processo de hipotaxe, também conhecido como o processo de subordinar algo. Ele mostra como mudar um sintagma de ordem na oração e subordiná-lo a outro sintagma. Bechara traz um exemplo desse tipo de construção, aqui apresentado em (5), a seguir:

(5) o caçador percebeu que a noite chegou.

Na ocorrência, *que a noite chegou* é um objeto direto em forma oracional e, por estar nessa forma, há a possibilidade de analisarmos sintaticamente a oração subordinada: a noite (sujeito) chegou (predicado).

Considerações finais

O trabalho mostrou o andamento das atividades de pesquisa que tratam sobre a busca por diagnósticos que diferenciem os diversos subtipos de orações subordinadas substantivas. Depois de entender-se melhor quais são os devidos tipos de períodos e tipos, foi visto como diversos pesquisadores gramáticos definem cada função sintática e suas formas oracionais e quais produzem diagnósticos acessíveis. Tais livros podem ser encontrados nas bibliotecas de escolas e entre os materiais de pesquisa e preparo de aulas de professores do final do ensino fundamental e ensino médio.

Com tal questão compreendida, pode-se entender que há sim, nas produções voltadas ao ensino de gramática, diagnósticos disponíveis que auxiliam alunos e professores na explicação e compreensão de um conteúdo tido, muitas vezes como teórico e complicado demais.

Tipo de oração	Diagnóstico
Subjetiva (Rocha Lima, 2006)	Verbos na oração principal são de: conveniência, dúvida, ocorrência ou efeito moral. Se apresentam na terceira pessoa seguidos de <i>que</i> ou na voz passiva.
Objetiva direta (Rocha Lima, 2006)	As orações desenvolvidas, conhecidas por serem interrogativas indiretas, normalmente exercem a função de objeto direto da oração principal.
Subjetiva (Bechara, 2009)	Oração principal na terceira pessoa do singular e a oração subordinada com tais verbos: <i>ser</i> , <i>estar</i> , <i>ficar</i> seguidos de substantivo ou adjetivo ou verbos do tipo: <i>parecer</i> , <i>consta</i> , <i>ocorre</i> , <i>corre</i> , <i>urge</i> , <i>importa</i> , <i>convém</i> , <i>dói</i> , <i>punge</i> , <i>acontece</i> e etc.
Predicativa (Bechara, 2009)	As orações predicativas normalmente completam o sentido do verbo <i>ser</i> .

Tabela 4: Quadro sinótico organizando diagnósticos encontrados em Rocha Lima, 2006 e Bechara, 2009.

Além disso, diante dos diagnósticos encontrados até o momento vê-se a importância da pesquisa e ensino na área das ciências da linguagem com o objetivo de prover aos graduandos em letras e professores já formados instrumentos que contribuam efetivamente com um ensino crítico e metalinguístico da língua portuguesa, especialmente da área de linguagens.

Referências

- BRASIL. (1959) Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).
- BRASIL. (2017) Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). CINTRA, L e CUNHA, C. (2016) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7.ed.
- EVANILDO, B. (2009) *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed.
- FRANCHI C. (1991). Criatividade e gramática. In: SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação.
- ROCHA LIMA, C. H. (2006) *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 45.ed. TESCARI NETO, A. *A vez da metalinguagem: por uma análise sintática “crítica” na educação básica*. Manuscrito, UNICAMP, 2020.
- TESCARI NETO, A. (2021) *A vez da metalinguagem: por uma análise sintática “crítica” na educação básica*. Revista Linguística.